

## Sextas-Feiras Complexas: Passeando por tardes de discussões do pensamento complexo no Gecom (UERN)

Pedro Augusto de Queiroz Ferreira<sup>1</sup> 

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Mossoró, RN, Brasil

1

### Resumo

Às sextas-feiras, quinzenalmente, se reúnem mentes de diferentes áreas para as discussões do GECOM na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Abrigando discussões sobre as mais variadas áreas do saber, surge uma nova forma de pensar, ser e perceber o mundo ao redor. O trabalho traz como objetivo, a partir de análise audiovisual sobre gravações em áudio e em vídeo, colhidas no próprio grupo: 1- abrir um panorama sobre discussões polifônicas; 2- esmiuçar a técnica de estudo que se configura nas reuniões e; 3- trazer uma discussão sobre as discussões sobre a educação no ambiente acadêmico, enquanto local do qual se espera discussões acerca das ciências. Fundamentamo-nos em estudos de teorias pertinentes e auxiliares. Como resultados, deixamos algumas reflexões sobre um panorama do atual pensamento acadêmico. As conclusões nos apontam contribuições do grupo, pensando a pós-modernidade, que exige pensamentos abertos e plurais, resultado discussões sobre a sociedade.

**Palavras-chave:** Sociedade. Pós-Modernidade. Educação.

### Complex Fridays: Travelling through afternoon discussions in GECOM (UERN)

### Abstract

Sometimes at Fridays, every fortnight, various areas come together for GECOM discussions at a classroom in the University of Rio Grande do Norte's state. Hosting a discussion on the uncountable diverse areas of knowledge, a new way of thinking, of being and of perceiving is coming there. This work comes as it's objective, to bring thinking about education with an analysis of audio visual recordings, collected from the group itself. We want to: open an overview of polyphonic discussions; perform a rape configuration technique discussion about the discussions about education in the academic environment, while place in which discussions about science seems to separate each time more the areas of knowledge. To point out, we let contributions from the group to think about postmodernity, that demands and opening to plural thoughts, resulting in discussions about the society.

**Keywords:** Society. Postmodernity. Education.



## 1 Introdução

2

No ato da colação de grau, os formandos são submetidos a um juramento coletivo. Nestes juramentos, geralmente os estudantes se comprometem a utilizar todo o conhecimento adquirido para atuar na área, mas o referido texto geralmente deixa oculto (ou subentendido) a convivência com os outros (e com as outras áreas do conhecimento), ou seja, a missão a que se propõe verdadeiramente a universidade, a união das áreas do conhecimento, fica sempre de lado, reduzindo um curso a um conjunto de conhecimentos específicos que apenas servem aos que estão lotados em determinada grade, sem perceber que às vezes, outras áreas podem utilizar de seus recursos e suas palavras, como se, juntando seus conhecimentos, virasse um tecido que, firmemente cosido e corretamente costurado no tear da ciência, se torna firme e agrega valores a todos os que se permitem uma abertura ao tráfego transdisciplinar de conhecimentos.

Um claro exemplo dessa desatenção quanto ao encontro de disciplinas se reflete no cotidiano na velha e conhecida “guerra egocêntrica e imaginária” travada entre as grandes áreas das Ciências Exatas e das Ciências Humanas (cujos eixos se imaginam completamente inversos e avessos) que se ajudam mutuamente no dia-a-dia e mal se percebe essa mutualidade. A disparidade entre as áreas é apenas um viés dentre tantos outros de áreas que são tão íntimas, mas que ao longo dos anos foram chamadas de “rivais” que às vezes fica difícil acreditar que algum dia, as ciências poderiam se unir, e darem vida juntas a pensamentos tão unidos e tão fortes, como se estivessem preparando, em uma mistura “homogênea”, um gigantesco e inconcebível bolo de casamento, cujo sabor celebraria o casamento entre ideias e teorias das mais variadas áreas.

O Grupo de Pesquisa do Pensamento Complexo (GECOM) surgiu na UERN em 2008 pelas mãos dos professores Ailton Siqueira e Geovânia Toscano. Originalmente com a finalidade de disseminar o conceito do pensamento complexo, da transdisciplinaridade e da incerteza que incentiva a curiosidade, e agregando ao seu programa o estudo da cultura popular, da poética e das literaturas mundial e local, passou a ser taxado rapidamente de anticientífico por diversos setores, porque ainda não apresentava dados





epistemológicos e definitivos, sempre deixando reflexões em aberto (o que para a ciência tradicional é basicamente o oposto do que seria normalmente proposto).

Com o advento da profa. Karlla Christine à universidade em 2010 e com o reconhecimento de base de pesquisa pelo órgão CNPq, consolidando assim o ambiente, deu-se início às atividades mais ousadas a que o grupo já se permitiu. Em uma década de existência (comemorada no biênio 2018-2019), já passaram por lá orientandos de mestrado, graduandos, bolsistas, curiosos; e o que chama mais atenção, todos esses participantes conservam suas mentes não só em polifonia acadêmica, como também fazem parte de encontros transdisciplinares únicos.

Pelo grupo, já passaram alunos e profissionais de Enfermagem, Direito, Ciências Sociais, Teologia, Religião, Comunicação Social, Filosofia, Educação Física, Pedagogia e outras áreas. Em um período, vigorou a participação de estudantes de Ciências Sociais, noutro período, os de Direito, mas o conhecimento formado por esse encontro é que é a maior conquista.

Este trabalho conserva por objetivo geral e primário apresentar em algumas páginas a estrutura e algumas experiências do GECOM, sua rotina polifônica e métier, apresentando trechos de encontros acompanhados e abrir um panorama sobre a rotina educacional/didática do grupo. A proposta das reuniões quinzenais é a de trazer contribuições de uma disciplina a outra (interdisciplinaridade), mas indo além do que está nelas, focando na “transdisciplinaridade”, que agrega e unifica as diferentes áreas do conhecimento em prol do mundo atual enquanto realidade em constante mudança. Pensando nisso, tentamos esmiuçar algumas ideias discutidas sobre o ambiente acadêmico atual.

## 2 Metodologia

Este trabalho, antes de mais nada se orienta pelo querer e curiosidade de desbravar muitos dos caminhos virgens da ciência e da sabedoria popular, mas uma centelha de dúvida brotou em uma série de encontros que foram documentados em





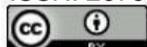
imagens fotográficas, filmagens gravadas e em áudios, que foram reouvados e totalmente transcritos previamente a esta redação. Por meio de observação/audição analítica e cruzamento de teorias, a escrita aqui apresentada se dá por comentários às discussões que vieram à baila durante os encontros, permitindo à autoria por meio de um estranhamento e de um “re”-conhecimento, deleitar-se novamente com as discussões coletadas.

### 3 Resultados e Discussão

Em alguma sala de aula da UERN, quinzenalmente, em plenas sextas-feiras à tarde, se reúne o Grupo de Pesquisa do Pensamento Complexo (GECOM) para discutir textos seletos de qualidade literária e – quem disse que não? – acadêmica. São obras de autores clássicos e contemporâneos que nos trazem grandes metáforas para a vivência não só escolar, mas cotidiana. O GECOM tem ajudado muitos dos orientandos dos professores coordenadores – o prof. Dr. Ailton Siqueira e a profa. Dra. Karlla Christine, também os profs. Dr. Jucieude Lucena, Dra. Lidiane Cunha e também a professora Mestranda<sup>1</sup> Míria Helen, que contribuem fortemente com a discussão nos encontros em que se fazem presentes – a encontrar o caminho para seus trabalhos acadêmicos de graduação e de pós.

Parafraseando e pastichando o poeta e dramaturgo italiano Dante Alighieri, que dizia em sua “Divina Comédia” que para entrar no Inferno, era preciso “abandonar toda a esperança”, para entrar neste grupo, é preciso abandonar toda a construção educacional prévia construída, e nas palavras dos próprios participantes – ao se apresentarem para os novatos que chegam aos montes no início de cada semestre letivo – “deixar deformar-se e adquirir uma nova consciência de pensamento”. Num sentido pedagógico, esta deformação seria entregar-se ao diálogo e encontrar ali, não certezas, mas incertezas – nas palavras do professor Ailton – “ter a coragem de levar dúvidas para casa”.

<sup>1</sup> As informações descritas neste texto sobre vinculações institucionais dos citados são da época de sua escrita, no ano de 2019.





## 1- Como pensar atualmente?

5

O grupo começou como um portal para o pensamento complexo. Quando paramos para pensar que “complexo” pode significar para o cidadão médio algo “difícil/complicado”, temos o “dever” de explicitar o que seria o pensamento complexo. Segundo Edgar Morin (2011, p. 13), a complexidade é um tecido, que ordena e interage com a vida ao redor, por meio do conceito do uno/múltiplo, onde não só a parte está no todo, mas o todo também está na parte, ou seja, todo o emaranhado de acontecimentos do mundo fenomênico se apresenta inextricável, porque “tecido junto e reforçado”, cabendo ao interlocutor organizar os conhecimentos, mas ironicamente a busca desenfreada pelo conhecimento pode levar a uma cegueira intelectual, por isso o cuidado em selecionar seus conhecimentos numa era de overdose informacional. Neste método, abre-se um espaço para a transdisciplinaridade, que nada mais é do que um modo de se abrir para a realidade com o saber disponível e com novas descobertas. Enquanto que a pluridisciplinaridade tem por finalidade trazer as mais variadas áreas para estudar uma única; e a interdisciplinaridade tem por objetivo transferir conhecimentos de uma área a outra agregando valores e procurando similitudes, a transdisciplinaridade, que

como o prefixo “trans” o indica, diz respeito ao que está ao mesmo tempo entre as disciplinas, através das diferentes disciplinas e além de toda disciplina. Sua finalidade é a compreensão do mundo atual e um dos imperativos para isso é a unidade do conhecimento. (SOMMERMAN, 2008, p. 43)

O oposto da transdisciplinaridade é o reducionismo (fragmentação). A educação atual fomenta muito pouco (ou nunca) a incerteza (fragilidade para procurar uma explicação sólida) ou o devaneio (paixões ou delírios, para equilibrarem a relação com as suas ideias), mas os alunos fazem uso dela para as descobertas via experiência vivida. Já dizia a canção “21”<sup>2</sup> da banda Capital Inicial: “as melhores coisas se aprendem na escola, mas não na sala de aula”. O princípio da incerteza está em nossa mente por natureza, muito embora o padrão de educação atual seja o da resposta. Mas verdadeiramente o

---

<sup>2</sup> L, Alvin. BARETTI, Bozzo. 21. In: CAPITAL INICIAL. Eletricidade. São Paulo: BMG-Ariola (RCA/Sony Music), 1991. (LP Audiovisual).





homem que sabe o que quer é “aquele que continua perguntando, mesmo depois de já ter entendido a resposta” (OLIVEIRA, 1985).

## 2- Método... método?

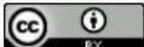
6

O método, que comumente pensamos como o conjunto de técnicas de pesquisa, está formulado linhas acima, neste mesmo trabalho, como “Metodologia”. Mas se você voltar e ler com atenção, verá que não foram descritas técnicas de investigação, mas audição e comentário, ou prestando atenção à obra de Edgar Morin, “O Método”, ouvimos o outro e acrescentamos sentido a suas opiniões, o que René Barbier chama de “Escuta Sensível”.

Na verdade, o que é que Morin está questionando como metodologia? [...] ele diz que normalmente isso é tratado como sendo um conjunto de técnicas. [...] ele se opõe exatamente a essa noção de metodologia como conjunto de técnicas. A metodologia está exatamente relacionada com o método como que dando uma coerência ao fazer e ao pensar. A metodologia ou o método, colocando/ampliando a teoria, pensando a própria teoria, é algo que se faz possível pensar, estar o tempo todo pensando, pensando sobre o seu projeto, teoria, procedimentos, os instrumentos em mãos. [...] E não ter uma receita pronta para aplicar essa receita e chegar a um resultado. A metodologia seria, no final das contas, esse caminho todo que você percorreu. [...] A forma de pensar durante esse processo é que se constituiria então nessa metodologia. (Trecho da gravação de Fevereiro de 2017).

Quando nos questionamos sobre o que realmente fazemos como “Método”, vem a dúvida sobre o que devemos retirar de nossos entrevistados, de leituras, de artes, mas quase nunca nos perguntamos sobre o que realmente podemos retirar dessas escutas. Há que se entender que “ouvir o outro” atualmente não está sendo tão exercitado como deveria. Uma leitura de Bauman (2018, p. 101) nos mostra que embora façamos esforços pela união humana, estamos separados uns dos outros, não física, mas mental e emocionalmente, como se o outro fosse “obrigação”, e obrigação ninguém quer. A falta de “ouvir o outro” é um problema alarmante e amplamente discutido no âmbito do grupo.

Também nos toca nas reuniões a discussão latente de que o método tem de ser problematizado, ou seja, não adianta apenas saber tudo o que se há para aprender sobre





metodologia e pesquisar feito um “caçador de informações” sobre o que se pesquisa. É preciso pensar e repensar a teoria. Como diz o poema de Ant3nio Machado, “o caminho se faz ao caminhar”.

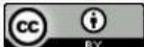
### 3- O ser e o ter em nossos tempos.

7

Duas gravações que foram realizadas em Novembro e Dezembro de 2014, trazem algumas frases que mexem conosco, embora sejam cr3ticas. A educa3o, conforme falamos acima est3 despreparada ao ensino do autoconhecimento. Atualmente, valores foram invertidos e se vive mais em busca de status do que de realmente personalidade. Dos muitos exemplos que temos para falar sobre a velha dicotomia “*ser x ter*”, destacamos a ideia de Bauman (2017) que diz que “a desigualdade atualmente n3o est3 entre a famosa luta de classes, a alta, a m3dia e a baixa, mas entre os mais altos da alta contra todo o resto”. Essa desigualdade em parte 3 ocasionada pela liquidez dos sofrimentos, tais como o medo e a solid3o, que qualquer bebida alc3olica cura, em especial, as mais banais. Perdeu-se at3 mesmo a capacidade de sofrimento, ou de passar por ele, porque ningu3m sabe mais nada de si.

[...] n3s j3 perdemos a no3o de desenvolvermos uma educa3o voltada para o autoconhecimento, e desenvolver na educa3o coisas mais pr3ximas daquilo que somos. Porque n3s estamos esquecendo o que somos para investir naquilo que podemos fazer. Porque acham que “se eu fizer tal coisa, eu me garanto no que faço”. [...] Eu nunca vou ser aquilo que eu faço. A gente n3o tem essa educa3o do ser, a gente quer ter para ser. O ter 3 anterior ao ser. (Trecho da grava3o de Novembro).

Em seu ensaio “A estetiza3o do mundo”, Lipovetsky e Serroy (2015, p. 400-401) explicam muito bem isso, com a rela3o trabalho x reconhecimento. Com sua crescente press3o frente 3 concorr3ncia, as empresas procuram sempre estar individualizando suas estatísticas de desempenho, e reconhecendo cada vez menos gente como apta a chegar ao topo. Por conseguinte, muito mais gente depressiva, mais gente isolada, mais gente com medo das rea3o3es “do outro”. Os medos que deveriam ser normais, viraram banais, como medo de fatos m3sticos ou de mitos/profecias. O medo da sociedade virou o “medo da intera3o com os outros”, porque queremos ser sempre as melhores imagens. Ou na



pior das hipóteses, “desviamos o foco das culpas para nos dar conforto” (Gravação de Dezembro de 2016).

Como diria Antoine de Saint-Exupéry em seu (não tão conhecido) clássico “Cidadela”, “o homem é um nó de relacionamentos”. E como tal, precisa se submeter ao emaranhado de relações, ao contrário da pós-modernidade, que nos traz exemplos sobre o que nos deixa “seguros” e aprisionados em um mundo ilusório: relações em uma rede social, ou em um telefone celular, onde se excluem números e perfis, se desconectam vínculos. Sem o contato físico, ocorre o perigo de inflo exacerbado de ego, visto que relações demandam imagens que são construídas pelos outros, do qual o contato virtual costuma amenizar o efeito do afeto, seja ele bom ou ruim:

[...] Porque essa é a questão da imagem, a nossa sociedade está construída em torno dela, e tem essa imagem que os outros fazem da gente, mas tem essa imagem que a gente faz da gente a partir dessas imagens que os outros fazem. Ninguém se constrói sem ser numa relação. Ah, o que os outros pensam de mim não me afeta, o que diriam os seus olhares não me interessa, é uma mentira. [...] Todos podem não ter um grau de afetação, mas nós não somos indiferentes. (Trecho da gravação de Dezembro).

#### 4- Arte e literatura:

Uma outra gravação de Dezembro de 2016 traz à tona a emergência da arte como uma noção de devaneio para esquecer o transtorno dos nossos tempos. Engana-se quem pensa que a arte se manifesta apenas no que foi pintado/fotografado/escrito/performado/gravado. A arte manifesta-se além do que está posto.

Uma fotografia de Sebastião Salgado, uma pessoa morrendo de fome, você bota na porta da sua casa. Aquilo é uma cena horrível de miséria humana, de dor, de sofrimento. Mas quando você olha, você diz: “Puxa, que legal isso aqui” [...] Porque ela tem o poder de dizer para você algo mais do que aquela dor que está ali. [...] Isso é arte. Agora se não tiver isso para dizer algo mais do que está ali, não é. (Trecho da gravação de Dezembro).

A arte precisa dizer mais do que está posto. Ou seja, a arte pode nos oferecer um ponto de equilíbrio, ou seja “ajuda a identificar o que é central para todos, mas [indizível22]

em palavras, a ponto de identificar-se com ela” (BOTTON, 2014, p. 65). Assim é para música, cinema, fotografia, teatro, pintura, escultura, e principalmente a poesia, onde se ouve na gravação:

“Quem diz que é poeta não é você, porque escreve um texto rimado. É a poesia que nomeia o seu autor. Ou a sua poesia diz que você é ou ela não diz e se ela não diz, você não pode ser. [...] se existir uma poesia que explica as coisas, é texto científico em forma de verso. (Trecho da gravação de Dezembro)

9

Uma leitura pertinente ao assunto permite concordar com a afirmação acima. Segundo Wisnik (*apud* NOVAES, 2005, p. 33), “a experiência poética nasce da experiência”, ou seja, quanto mais entranhado o mundo dentro dele, mais ele conseguirá arruinar o pensamento à procura de uma interrogação para questionar e sonorizar o mundo [fazendo o contrário do que faz a ciência tradicional, que é responder e silenciar], já que a linguagem poética não traz consigo o objetivo de explicar coisa alguma. Uma pequena frase corrobora isso: “Lembra –se do que Duchamp disse a respeito da arte? Só uma coisa na arte é válida: o que não pode ser explicado” (GRUBER, 2011, p. 280).

Como se vide, de posse desse argumento, podemos auferir que ciência e devaneio são coisas completamente distintas, mas podem conviver juntas, desde que a linguagem poética pressuponha a liberdade frente à rigidez da dura ciência cartesiana/positivista, que não aceita nada menos que explicação provável.

## 4 Considerações finais

O combate espiritual é tão brutal quanto a batalha dos homens, mas a visão da justiça é prazer só de Deus. (RIMBAUD *apud* NOVAES, 2005, p. 339)

Imagine então o combate intelectual. Nosso passeio foi por entre palavras que só agora começaram a ser redescobertas. Originalmente, o título não demonstra, mas deixamos aqui a ideia de que esta seria uma simples pincelada de nossas investigações, porque teremos mais palavras colhidas posteriormente a serem comentadas em um outro breve momento. Este nos sirva como ensaio primário do qual já tiramos algumas



conclusões. Os assuntos comentados no GECOM são de importância para os nossos tempos e trazem à tona discussões que deveriam estar mais presentes no ambiente acadêmico, indo além da simples “sociologia dos tempos líquidos”. Como se vide, foram citadas fontes que lidam com a educação, com as artes, com a filosofia, com a sociologia, mas principalmente com a literatura que é a verdadeira guia desses escritos.

Quisemos uma literatura experimental, mas que conversasse ao mesmo tempo com a teoria que explicávamos, para tornar o entendimento mais palpável, que fosse sendo construído ao longo da leitura. Enfim, deixamos nossas impressões e queremos descobrir cada vez mais informações. A quem interessar possa, deixamos o espaço aberto para considerações e investigações futuras.

## Referências

BAUMAN, Zygmunt. **Ética pós-moderna**. Tradução: João Rezende Costa. 1. ed. 7. reimp. São Paulo: Paulus, 2018.

BOTTON, Alain de. ARMSTRONG, John. **Arte como terapia**. Tradução: Denise Bottman. 1. ed. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014.

GRUBER, Michael. **A falsificação de Vênus**. Tradução: Beatriz Horta. 1. ed. Rio de Janeiro: Record, 2011.

LIPOVETSKY, Gilles. SERROY, Jean. **A estetização do mundo: viver na era do capitalismo artista**. Tradução: Eduardo Brandão. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. Tradução: Eliane Lisboa. 4. ed. Porto Alegre: Sulina, 2011.

NOVAES, Adauto (org.). **Poetas que pensaram o mundo**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SOMMERMAN, Américo. **Inter ou transdisciplinaridade?** 2. ed. São Paulo: Paulus, 2008. (Col. Questões Fundamentais da Educação, v. 7).





## OUTRAS FONTES CONSULTADAS:

BAUMAN, Zygmunt. **A desigualdade social no Brasil e no mundo**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SqQ9x3ZEAbU>. Acesso em 15/06/2017.

FONSECA, Ailton Siqueira de Sousa. **II GESPET: Crise planetária e o princípio da esperança**. Mossoró, Har-Cine & Vídeo, 2013, NTSC, 90 min. Color (DVD Audiovisual).

11

OLIVEIRA, José Fernandes de. **Sinal dos tempos**. São Paulo: COMEP, 1985. (Fita Cassete Audiovisual).

<sup>i</sup> **Pedro Augusto de Queiroz Ferreira**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3315-2687>

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA)

Bacharel em Ciências Sociais pela UERN, 2014; Bolsista do PIBIC/CNPq pela UERN, 2013-2014. Especialista em Políticas de Promoção de Igualdade Racial na Escola – UNIAFRO, pela UFERSA em 2016. Ex-Membro do Grupo de Pesquisa do Pensamento Complexo – GECOM/UERN, 2013-2019.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6234608120312989>

E-mail: [p.f.2008@hotmail.com](mailto:p.f.2008@hotmail.com)

**Editora responsável:** Cristine Brandenburg

## Como citar este artigo (ABNT):

FERREIRA, Pedro Augusto de Queiroz. Sextas-Feiras Complexas: Passeando por tardes de discussões do pensamento complexo no Gecom (UERN). **Rev. Pemo**, Fortaleza, v. 1, n. 2, 2019. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/3627>

